

A idéia de realização do II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico só foi possível graças à realização do I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico, realizado no ano de 2008 em Uberlândia (Anselmo, 2008). A partir da experiência desse colóquio e do grupo de trabalho<sup>2</sup> em história do pensamento geográfico, realizado durante o XV Encontro Nacional de Geógrafos (encontro da Associação de Geógrafos Brasileiros), se consolidou a idéia de retomar o encontro nacional. Uma equipe de São Paulo realizaria o evento na Universidade de São Paulo, porém durante toda a organização contamos com as colaborações de pessoas que estavam envolvidas no grupo de trabalho em outras universidades. O primeiro Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico havia ocorrido em 1999 na Unesp de Rio Claro, no estado de São Paulo. Portanto, passaram-se 10 anos entre a realização de um e outro evento, o que de fato é um elemento dificultador não só para a realização do evento em si, mas para a realização dos debates acadêmicos.

No grupo de trabalho que nos referimos acima, houve um acalorado debate acerca da discussão de qual seria o campo de estudos da chamada história do pensamento geográfico. As discussões sobre esse tema encaminharam a polêmica para o questionamento do que seria, na realidade, o conceito de “pensamento geográfico”. Ao aprofundar a

questão, surgiu a problemática de para que serviria ou existiria esse campo de estudos sobre história do pensamento geográfico. Na hora em que a equipe de organização do evento discutia qual seria o formato do encontro, novamente essas questões vieram à tona.

A postura da equipe de organização do evento diante de tais problemas foi pensar em uma estrutura de evento o mais abrangente possível. Além disso, tentamos englobar uma perspectiva interdisciplinar. Procuramos explorar as interfaces entre o caráter geográfico de pensadores sociais brasileiros, por exemplo. Além disso, no Brasil, graças a geógrafos como Antonio Carlos Robert de Moraes, entre outros, existe uma forte tradição de ligação e troca entre geografia histórica e história da geografia. Por isso, acabou criando-se um eixo dedicado ao tema. Também foi organizado um eixo para o debate das representações geográficas, tema que ganhou força na agenda da história do pensamento, há não muito tempo. Temos ai, uma preocupação com as visões e representações sobre processos e fenômenos eminentemente geográficos. Apesar desse campo ser relativamente novo, nenhum dos campos ou temas presentes no I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico minguou ou deixou de fazer parte da agenda de pesquisa. Certamente alguns campos não ganharam demasiada expansão, no entanto, penso que de uma forma geral eles continuaram a se desenvolver apresentando pesquisas importantes e que muitas vezes atingiram amplamente a comunidade científica. Nesse sentido, destacam-se os estudos que buscam entender o funcionamento das instituições do saber, os trabalhos sobre epistemologia que têm um viés histórico e os trabalhos que versam sobre o ensino da geografia escolar. A geração que participou do primeiro encontro em

<sup>1</sup> Evento ocorrido na Universidade de São Paulo entre 9 e 12 de novembro de 2009 – Anais disponíveis no site: <http://enhpgrgii.wordpress.com/>

<sup>2</sup> Tradicionalmente no Encontro Nacional de Geógrafos existem grupos de trabalho temáticos que têm o objetivo de fazer propostas práticas sobre determinado assunto. Os coordenadores desse grupo de trabalho foram Sérgio Nunes Pereira e Rita de Cássia Martins de Souza Anselmo.

Rio Claro foi muito influenciada pela agenda de pesquisa e as orientações oferecidas por Lia Osório Machado (2000). Uma das idéias centrais é que haveria um “pensamento geográfico” antes da institucionalização da geográfica enquanto ciência moderna. Lia se dedicou então a estudar os diversos ideários que, no século XIX, se dedicavam a pensar estratégias de políticas demográfica e de ocupação territorial no Brasil.

Tendo em vista esses prognósticos, o encontro foi organizado de acordo com os seguintes eixos: 1. *Instituições do Saber Geográfico*, 2. *Geografia Histórica e História Territorial*, 3. *História da Disciplina Escolar*, 4. *Epistemologia e Pensamento Geográfico*, 5. *Pensamento Social Brasileiro e Geografia* e 6. *Representações acerca do Saber Geográfico*.

Apesar de toda a preocupação com os eixos, quando recebemos todos os trabalhos, houve dificuldade em organizar-los de acordo com os recortes feitos. As comunicações coordenadas<sup>3</sup> acabaram, em alguns casos, envolvendo trabalhos de diferentes eixos de maneira que os pesquisadores pudessem debater, trocar informações e conhecimento sobre temas afins. Ao todo recebemos 141 trabalhos, dos quais cerca de 90 foram selecionados pela comissão científica. Dos 90 trabalhos 77 foram apresentados e integraram os anais do encontro (vide nota 1). 88 pessoas estavam envolvidas nesses trabalhos, das quais 30 eram mulheres (35%) e 57 eram homens (65%). Os eixos foram orientadores também das mesas redondas, sendo que cada mesa contava com a presença de dois professores e um moderador. Nas mesas redondas participaram efetivamente 17 professores de um total de 18 professores convidados. Desses 17, 9 eram mulheres (53%) e 8 eram homens (47%).

O evento foi pensado para ser completamente gratuito –coisa rara no Brasil, onde a maioria dos eventos de geografia cobra taxas abusivas, além do orçamento de estudantes. E tanto as comunicações coordenadas, quanto as mesas redondas foram

pensadas para que houvesse o máximo de tempo de debate possível.

Nas comunicações que tive a oportunidade de assistir, e através dos relatórios feitos pelos moderadores, penso que tivemos uma grande diversidade de posições metodológicas. De uma certa forma, acredito que as formulações inspiradas na obra de Kuhn (1975) são preponderantes. A postura do físico Kuhn, certamente se remete a uma sociologia da ciência, porém, lhe oblitera o caráter histórico. São identificadas as disputas entre os grupos acadêmicos, no entanto, o desenvolvimento da ciência seria linear e haveria uma superação de um grupo para o outro, através de novas descobertas e da resolução de problemas que os predecessores não seriam capazes de solucionar. Assim, com essa tendência há uma desconsideração dos contextos históricos, resultando em temos trabalhos com uma postura internalista, ou seja, que levam em consideração o desenvolvimento da ciência de uma maneira independente do espírito da época. Ou como se seu desenvolvimento dependesse somente dos cientistas neutros perante o mundo. Infelizmente penso que a perspectiva internalista e evolucionista de Kuhn ainda prepondera, mas sua hegemonia estaria seriamente fragilizada. Muitos continuam nessa posição devido ao fato de ainda não terem atentado para a necessidade do debate acerca da historiografia da ciência.

Além desse cenário de que existe uma certa estagnação quanto aos debates metodológicos na construção de uma história da ciência, um fato me espantou muito. Em algumas ocasiões presenciei colocações que claramente admitiam um déficit no desenvolvimento da geografia no Brasil. Ou seja, estamos atrasados em relação aos Estados Unidos ou outros países. Eis aí a amostra de um colonialismo intelectual que ainda nos assola. Se considera que só o centro do sistema é capaz de fazer ciência, e o papel da periferia seria uma reprodução precária. Déficit em relação a que? Qual é o parâmetro para saber se uma ciência está em atrasado ou à frente? Principalmente a geografia, uma ciência muitas vezes que se dedica a compreender os espaços em sua especificidade. Esse debate imbricado de ideologias e complicações das mais diversas ordens, que

---

<sup>3</sup> Comunicações coordenadas foram os espaços em que os trabalhos inscritos pela internet foram apresentados. As sessões tiveram cerca de 1 hora e 30 minutos e foram moderadas por um coordenador.

envolve decerto políticas científicas, é resolvido por alguns de uma maneira simples.

Por outro lado, temos posturas puramente externalistas que consideram o quadro histórico, os contextos sociais e culturais para o desenvolvimento da ciência. Elas apareceram mais timidamente. E em um número menor, temos trabalhos que possuem uma postura sociológica mais complexa no que diz respeito ao desenvolvimento da ciência. A tendência da postura sociológica é partir da análise das instituições do saber –ou espaços institucionais tomados em um sentido amplo (periódicos, congressos, etc.)– para fazer suas reflexões, porém sem ignorar os contextos históricos e culturais. Autores como Bruno Latour, Vincent Berdoulay, Horacio Capel e Pierre Bourdieu exploram essa perspectiva com diferentes tendências. Busca-se através do viés sociológico compreender as relações entre os intelectuais, as pessoas de fora das instituições e os contextos políticos e culturais. Nesse sentido, para a maioria desses autores não faria muito sentido uma cisão entre internalistas e externalistas, já que elementos internos e externos ao desenvolvimento da ciência seriam considerados.<sup>4</sup>

Um fato que me pareceu muito interessante é que, no tocante à geografia histórica, temos uma hegemonia a meu ver, das abordagens que trabalham com a formação territorial e formação sócio-espacial. Destaca-se, portanto o uso tanto da obra de Antônio Carlos Robert de Moraes, quanto de Milton Santos. Me parece que o arcabouço teórico dos dois autores tem fundamentado e instrumentalizado amplamente as pesquisas de geografia histórica.

Nas mesas redondas tivemos amplos e ricos debates. Infelizmente seria impossível tentar reproduzir nesta resenha todos elementos levantados. Portanto, vou me ater àqueles mais próximos ao meu tema de pesquisa e que tenho estudado mais detalhadamente. De uma maneira geral tivemos o predomínio da abordagem mais sociológica e contextualiza da história da ciência.

Na primeira mesa contamos com a exposição de Sérgio Nunes e de Perla Zusman. Perla apresentou uma perspectiva de estudo transnacional da história do pensamento que busca explorar os processos de trocas e difusão intelectual. Perla se pergunta quais são as idéias que viajam, quais permanecem nos locais de origens, como decorre o processo de universalização e quais os processos de distorção de daí derivam. Sérgio Nunes analisou detalhadamente os Congressos de Geografia Brasileira realizados antes do processo de institucionalização. Esses congressos foram jogados em segundo plano após a criação das universidades. Evidenciou-se, como termos que nos são familiares, eram utilizados para designar outros campos de estudo. O mais interessante é que esses Congressos de Geografia Brasileira coexistem por um intervalo de tempo com os da geografia institucionalizada.

Na mesa sobre epistemologia, surge um debate há tempos latente, e que acreditamos ser fundamental. Élvio Martins, se questionou porque nos trabalhos de geografia existe um grande número de citação de não-geógrafos, e um relativo abandono dos clássicos. A geografia estaria perdendo seu caráter autônomo enquanto campo do conhecimento? Na minha opinião, esse debate vem desde meados do século XX, dentre outros elementos, com a crise da geografia francesa. Ele está refletido entre 1945-1950, de alguma maneira, no debate epistemológico entre Pierre George (Pailhé, 1981) e Jean Dresch (1980). Enquanto Dresch dizia que a geografia deveria ser uma ciência francamente interdisciplinar, Pierre George queria explorar mais seu caráter único frente às outras ciências desdobrando as reflexões de Max Sorre sobre o espaço. Apesar de indicar essa necessidade, George não avança muito mais do que Sorre na discussão sobre o espaço, enquanto Dresch, até o final de sua vida, defende seu ponto de vista interdisciplinar. Como se sabe, após o afastamento de George do marxismo, essa idéia do espaço vai aos poucos se rendendo as pressões das “outras disciplinas”. A idéia de fundamentar o espaço epistemologicamente vai progressivamente se esvaziando uma vez que George não consegue harmonizar a geografia regional francesa e o marxismo. Outros conceitos, como o de região se apresentam com forte peso na

<sup>4</sup> Reconheço que o quadro que acabei de delimitar está muito pobre e simplificado. Para uma visão mais acurada recomenda-se Saldaña (1996).

tradição das idéias e com amplo uso, aceitação e reflexões. Em 1970, com o novo fôlego da geografia marxista essa questão é posta novamente. O espaço ganha força como categoria de direito exclusivo da geografia. No entanto, não conseguimos ainda abrir mão das categorias das outras ciências nos estudos de geografia especial ou temática. A solução dada por Milton Santos (2002) para esse problema, foi internalizar as categorias e conceitos de outras ciências. Ou seja, fazer uma reflexão disciplinar, que não descarte as contribuições das outras ciências, mas que tenha um viés claramente geográfico.

Outro debate que me pareceu fundamental ocorreu na mesa sobre metodologia em história do pensamento geográfico. A historiadora Maria Amélia Mascarenhas Dantes disse uma coisa que os geógrafos da área não podem ignorar: o debate sobre história da ciência é uma discussão eminentemente historiográfica. Portanto, não podemos nos esquivar de pensar a historiografia sobre a história de nossa disciplina. Daí a importância dos diversos enfoques de pesquisa, o cuidado com determinadas distorções ideológicas que podem nos atingir (eurocentrismo, anacronismo, colonialismo intelectual, entre outros).

Já o professor Nilson Cortez Crocia, que participou da mesma mesa, defendeu uma posição de que a história da geografia deveria ter um caráter mais internalista. Segundo sua opinião, a sociologia do conhecimento não passaria de certos comentários sobre a vida dos intelectuais que não teria muito interesse na prática e nas reflexões sobre a ciência. Os contextos históricos, por sua vez, estariam muito propensos a encaminhar a análise para relações equivocadas. Tomando idéias dos geógrafos que trabalham sobre o tema nos EUA, para Crocia o sítio tem um valor fundamental. Seria um sítio do conhecimento geográfico. Essa perspectiva internalista teria a finalidade de aprimorar as ferramentas metodológicas e os conceitos em geografia.

Particularmente, penso que essa abordagem tem uma série de equívocos. Sem compreender os contextos e as instituições, não poderemos ir muito longe. Como nos mostra François Dosse (1994), a querela entre deterministas e possibilistas só pode ser compreendida completamente, através de uma óptica sociológica. Obviamente existe um

embasamento filosófico de uma postura possibilista – apresento a problemática simplificadamente – no entanto, os historiadores, como Lucien Lebvre, se posicionam a favor dos geógrafos em uma postura que institucionalmente se opõe aos sociólogos na disputa de campos estudos. Historiadores e geógrafos (lembremos que a formação era conjunta) queriam se afirmar frente à morfologia social, aos discípulos de Durkheim e de Le Play, principais aglutinadores de pesquisadores na sociologia da época. Não podemos ignorar ainda a tentativa da geografia francesa de se tornar independente de sua ligação com a geografia alemã através dessa oposição.

Sinteticamente, gostaria ainda de me remeter à exposição de Lincoln Secco que explorou as considerações do historiador e geógrafo Caio Prado Junior sobre a geografia de sua época. Ele debate as várias críticas desse marxista sobre a geografia de Aries de Casal e de Vidal de Blache. Penso que na sua exposição, Lincoln deu uma importância tanto ao “sítio” de Caio Prado, quanto ao seu ambiente institucional, suas relações e posicionamentos na sociedade e na comunidade científica. Lincoln chegou até mesmo a percorrer o trajeto de alguns trabalhos de campo de Caio Prado. Na mesa sobre geografia e pensamento social brasileiro, Rita de Cássia Anselmo procurou explorar o papel dos pensadores do ISEB<sup>5</sup> e seus projetos intelectuais no tocante ao marxismo, à democracia e ao desenvolvimento social. Rita de Cássia vem, há tempos, estudando a perspectiva do pensamento geográfico através dos moldes teóricos de Lucien Goldmann através da idéia de visão de mundo.

De uma maneira geral, Milton Santos e Antonio Carlos Robert de Moraes, são os autores mais citados nos trabalhos. Isso porque as obras desses dois autores abarcam vários temas. A opção de fazer o encontro o mais abrangente possível fez com que de fato houvesse uma gama ampla de temas e consequentemente de autores citados pelos participantes.

<sup>5</sup> Instituto Superior de Estados Brasileiros. Órgão surgido em 1955, ligado ao Ministério da Cultura que abrigava intelectuais de grande peso e que geralmente estavam relacionados ao marxismo.

Infelizmente, ao final do encontro, nenhum grupo se comprometeu em dar continuidade e realizar a terceira versão do evento. Algumas pessoas da Universidade Federal da Bahia se ofereceram, porém nada foi firmado oficialmente. Existe um grupo grande de pesquisa em história do pensamento geográfico no Rio de Janeiro, o que certamente representa uma possibilidade. Torço para que esse problema se resolva e para haja um novo fórum de debates que congregue os pesquisadores de todo Brasil. A realização do evento que reuniu um grande número de pessoas certamente foi um avanço, mas a ausência de um novo espaço de debate resultará em grave estagnação.

## REFERÊNCIAS

- Anselmo, R. de C. (2008), “I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico”, en *Investigaciones Geográficas, Boletín*, núm. 66, Instituto de Geografía, UNAM, México, pp. 172-175.
- Dosse, F. (1994), *A história em migalhas*, Ensaio, São Paulo.
- Dresch, J. (1980), “Reflexões sobre a geografia”, en Dresch et alli. *Reflexões sobre a geografia*. Edições da AGB, São Paulo, pp. 8-26.
- Kuhn, T. S. (1975), *A estrutura das revoluções científicas*, Perspetiva, São Paulo.
- Machado, L. O. (2000), “As idéias no lugar: o desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil no início do século XX” en *Terra Brasilis, Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil*, Rio de Janeiro, vol. 2, pp. 11-31.
- Pailhe, J. (1981), “Pierre George, la géographie et le marxisme”, en *Espace-temps, L'Assossiation Espaces-temps*, no. 18-19-20, Paris, pp. 19-30.
- Saldaña, J. J. (1996), *Historia social de las ciencias en América Latina*, UNAM/Miguel Ángel Porrúa, México.
- Santos, M. (2002), *A natureza do espaço*, Edusp, São Paulo.

Breno Viotto Pedrosa

Departamento de Geografia  
Universidade de São Paulo